



Este quadro seria o pomo da discordia entre Palocci e Gismondi a cena de quase pugilato entre os dois teria sido por causa da inclusão — por conta e risco de Palocci — deste quadro no Salão.

Brigas e fuxicos - E o quase pugilato entre os homens que mandam

Antes de começar o SARP já levaram muita bronca: os artistas acadêmicos que segundo eles próprios também são filhos de Deus (e ninguém aparentemente duvidou disso) reclamaram sua exclusão. Não teve choro nem velha: ficaram cortados mesmo. No dia da inauguração um dos degolados gostou demais do salão — porém pelo lado de fora:

— Legal, tá prontinho pra pegar fogo ou uma ventania levar tudo pro inferno.

Com pragas e brigas mais ou menos escondidas, o salão aconteceu. Outro degolado reclamou aos circundantes — sem saber a quem se dirigir — sobre o salão dos recusados:

— Puxa, não vai ter não? O nosso era mais importante.

E assim, finalmente, inaugurou-se na noite chuvosa e de pouca gente, o SARP — Salão de Artes Plásticas de Ribeirão Preto. Elmos e discursos e a tradicional volta olímpica das autoridades pelas pistas de quadros e fotos, desenhos e gravuras, dali a pouco, pronto — tudo acabou. Pelo menos oficialmente, porque foi então que tudo começou. Ali, mesmo, ali fofa, nas mesas dos bares e nas gozações de esquina. Com poucos personagens porém se dando ao trabalho de comentar o SARP.

A BRIGA, ANTES

O que houve de mais sensacional na noite da inauguração do SARP foi o quase pugilato entre dom Pedro Gismondi e o professor Palocci. Fazia tempo que os dois vinham brigando, mas tendo o cuidado de jogarem confete mutuamente para dirimir qualquer dúvida dos maledicentes. Porém a última briga dos dois, foi tão violenta e faltou tão pouco para a luta livre, que muita gente acabou vendo.

A primeira briga pôrém, a que ninguém viu, mas muita gente adivinhou e alguns abelhos esparramaram:

O professor Palocci fiscalizava a seleção dos quadros. Os críticos investidos da sua autoridade, estavam separando os quadros: este entra este não entra. De repente, cai no "não entra" o quadro de um amigo do professor Palocci.

A veemente pressão depois. A quase exigência para o quadro entrar. De um lado o característico jeito palociano — que alguns dizem ser até palaciano — de outro, o cachimbo teimoso do professor dom Pedro Gismondi. No meio, o professor Bassano Vacarini cogitando a careca:

— Bem...

Claro que quadro ficou no "não entra" mesmo. Isso deixou furioso o professor Palocci, segundo os depoimentos dos abelhos que acompanharam a montagem do festival de artes plásticas.

Mas não é por causa

de uma briguinha e de brios feridos que gente educada perde a esportiva. Ficou tudo bem. Aparentemente o professor Palocci conformado com a temosia gismondiana e o dom Pedro contente por só deixar entrar a alta qualidade segundo seus conceitos de professor de história da arte e crítico que pode ser dos mais criticados, porém também, dos mais consagrados.

CHEGOU A NOITE DE BANDAS E AUTORIDADES

Com as árvores embecadas de luzinhas coloridas, ia se inaugurar o SARP. Aliás, a embocanecação das árvores recebeu ardentes elogios do professor Palocci:

— Isso é arte — disse ele mostrando as árvores — os eletricistas pegavam os fios e jogavam, do jeito que caia feiaca. E ficou uma obra de arte.

Quem somos nós para discordar.

Com a banda formada para abrir a festa, pinquinhos de chuva temendo e por fim indo embora, chegou o Edson Mattioli:

— Isso ai é o salão das bichas".

Imaginem que lá dentro estavam dois quadros dele e a gente que inventaram para dominar o mundo. Até a guerra civil do Líbano. Hitler já tinha descoberto tudo. Grande malandragem.

— Por favor, prefiro seus quadros a versos desse cara".

Dom Pedro, realmente, tem bom gosto.

A SANTA MILAGROSA DO SARP

De repente, a moça pintora vê que não está no lugar um quadro que foi selecionado:

— Cadê minha Nossa Senhora Aparecida?

A Nossa Senhora Aparecida da Neusa de Freitas pintora serrazulense das mais meigas e liricas tinha sumido. Justo aquela santa!

— Você não acredita em milagre? — ela pergunta.

Aos poucos os dois cansaram a garganta de tanto gritar e os ânimos foram serenando, igualzinho em campo de futebol. Naturalmente, fui me solidarizar com os três quadros do Miguel Angelo que ficaram de fôra?"

— Isso é outra mistória, é um engano. Mas aquele quadro lá que você colocou é má fé: não foi selecionado".

— Ele é bom menageiro", diz o seu criador Washington.

O Homem da Cabeça Branca, que certamente provocaria muito espanto entre a higiênica e bom comportada arte exposta no SARP, é explicado por Washington:

— "Pô não é que em Ribeirão Preto tem gente"

Por isso, ele acha que é hora de um salão só de cartunistas, a exemplo de Piracicaba.

— "Artista é assim, a família não leva fé".

Ele já teve um grande sonho na vida: ser torneiro mecânico. Mas agora já escolheu o seu futuro, e só vai esperar a sua hora e vez:

— "Eu sou um artista. Ser um artista me coloco dentro da realidade. Antes eu não me conhecia. Agora sei quem sou e vejo melhor as coisas".

Há lugar nesse mundo para o Homem da Cabeça Branca?

— "É duro, vem gente

que o meu recado", diz Washington.

A DUREZA DO RELACIONAMENTO

Como o relacionamento humano é muito difícil, ele quer desenhar em vez de gastar seu tempo fazendo aparelhos ortopédicos:

— "É duro, vem gente

sem perna, sem braço,

e a gente tem que manter um relacionamento bom, para conseguir bom resultado".

Falta paciência. Nes-

se negócio — ele diz — só tem paciência o pa-

ciente. Mas não lhe fal-

ta paciência para esperar uma outra oportunidade para mostrar seus trabalhos:

— "Não acho que foi

injustiça me cortarem

do SARP. Afinal eles tem

outro conceito de arte:

— "Mas tira o recado.

Ele é principalmente realista

e com ele eu quero mos-

trar a realidade onde a gente está".

O Homem da Cabeça

Branca é intelectual pre-

to, sem coupa nenhuma.

Só tem mesmo a cabeça

branca, com os olhos

pretos. Seus únicos

"acessórios" são o na-

riz, a boca e orelha.

— "Eu levei meus de-

senhos ao SARP — ex-

plica Washington

porque aqui em Ribeirão

parece que ninguém

conhece o cartum. Acho

que nem mesmo os arti-

stas e críticos. Se co-

nhecem não dão valor.

Eu só queria era mostrar

o que é o cartum, suas

possibilidades. Mas não

deu, podaram o meu

Homem da Cabeça Bran-

ca.

Mas, em Piracicaba

O SARP é isso aí

O SARP — Salão de Arte Moderna de Ribeirão Preto — pelo menos tem 40% de coisa boa. Nada demais porém, tudo dentro do convencional seguindo aliás o convencionalismo atual das artes plásticas. Pouca ou nenhuma surpresa, velhos artistas sendo consagrados e os jovens esperando a vez, alguns tremendo equivocos, e de queixas mesmo, só uma e sem razão alguma: a dos "acadêmicos" reclamando sua exclusão.

Na verdade eles nem são acadêmicos: são anacrônicos mesmo. Como anacrônica é muita coisa pintada de moderninho. E "moderno" é o que não falta no SARP.

Como erros fatais de concepção e conceituação. Gente que teme em fazer a alegoria de um surrealismo barato e outros que se enterram num realismo duvidoso. Há até mesmo — entre grotescas imitações de Dalí — um ensaio de Bosch. E muita inexperiência e talento desperdiçado.

Para quem conhece porém, a cronológica avacalhada da bienal paulista, não se pode criticar rigidamente o SARP; na verdade as artes plásticas já cansaram. Estão aí, cheia de maneirismos, esperando um possível, o que seria talvez milagroso, renascimento. E na verdade os artistas plásticos já se conformaram em serem os decoradores da burguesia. Nesse sentido o SARP é muito representativo. Com algumas poucas exceções — como Linoello Berti — quase tudo é agradável e bonito ou quando se atinge o máximo de incômodo é o "assassinato" de uma pompa da paz — Nixon e Gerald Ford comprariam o quadro para presentear Mao Tse Tung ou Fidel Castro...

Não joguem pedras nôrm, principalmente porque o tijolado é de amianto e as pedras de plástico inflamável. Melhor o SARP que nada. A culpa das equivocos — especialmente se se olha com atenção duas ou três vezes o conjunto de obras existentes — cabe mais à estrutura já superada de salões e exposições do gênero, que à própria organização do SARP. O que está no barraco de plástico e ferro — e que está muito bom, não é preciso nada mais que aquilo —, foi o que melhor apareceu.

O drama de tudo isso é que o SARP, como o Teatro Municipal e o que mais há de natureza cultural em Ribeirão Preto, é um corpo estranho à cidade, em relação ao seu rosto. Fica fechado o dia todo, e nem adiantaria ficar aberto: ninguém iria lá. O povo nunca participará de mostra alguma de arte nessa estrutura.

E não está errado. Está certo.

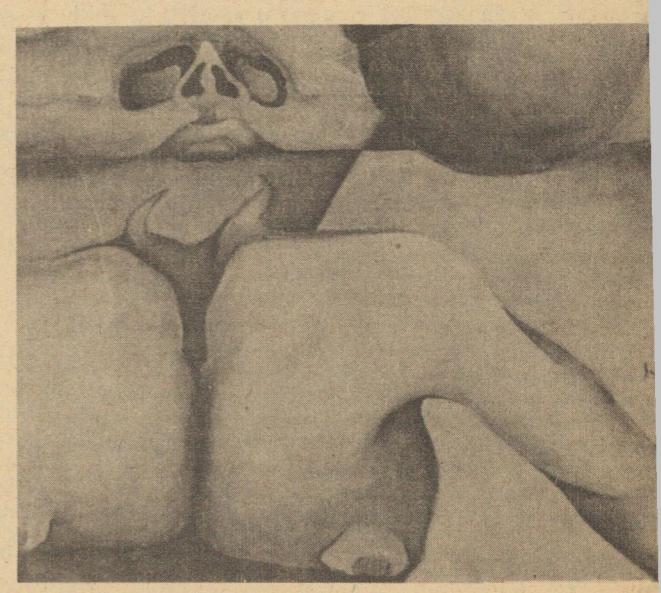
Porque o SARP nada tem a ver com o povo. O nosso povo é subdesenvolvido e faminto — aqueles artistas não tratam da realidade social brasileira. São importadores de técnicas europeias no geral, macaqueando maneirismos superados, em quase todo o mundo, para o consumo de uma burguesia semi-culta.

F na verdade, as artes plásticas quase sempre foram um divertimento das classes altas. Com exceção de alguns doidos como Siequeiros por exemplo é uma arte "palaciana". Agora, como tudo na sociedade de consumo, também "permitida" aos filhos da pequena burguesia. E por isso, e por outras coisas, que os enganos e equivocos do SARP não lhe tiram o mérito: fazem parte do seu sucesso.

É isso mesmo.



Essa Nossa Senhora Aparecida está fazendo milagre no SARP.



Muito Dalí de segundo mão: Bonitinhos, mas...

O homem da cabeça branca foi expulso do SARP

Se houvesse o "Salão dos Recusados" o ribeirãopretano iria ver um cartum dos bons e muito insólito: o Homem da Cabeça Branca um quase primitivo que foi criado por Washington Luiz Lopes, jovem de 23 anos, de profissão "técnico ortopédico protético", ou seja, faz coletes e pernas mecânicas na Faculdade de Medicina.

O Homem da Cabeça Branca, série recusada o SARP, é uma barra pesada. De profunda consciência social, ele está sempre dando um recado violento ao povo: Trabalhando nas minas ou andando atrás pelas ruas, de repente ele fala uma mensagem dura: pode até ser contra o povo que ele defende, se torne contra o povo para esse mesmo povo.

— Ele é bom menageiro", diz o seu criador Washington.

O Homem da Cabeça Branca, que certamente provocaria muito espanto entre a higiênica e bom comportada arte exposta no SARP, é explicado por Washington:

— "Pô não é que em Ribeirão Preto tem gente"

por exemplo, no II Salão de Humor, o "Homem" fez ate sucesso e foi admitido.

Aqui — conta Washington — os criticos ligam o cartum à história em quadrinhos mais, e então surgia o diálogo entre os personagens".

CARTUNISTAS, UNI-VOS

Para Washington há necessidade dos cartunistas ribeirãopretanos unirem-se. Quando ele tem desenhistas como o José Luiz Cleido, Carmino e alguns outros, com desenhos no Diário, ficou até assustado:

— "Pô não é que em Ribeirão Preto tem gente"

que o meu recado", diz Washington.

Por isso, ele acha que é hora de um salão só de cartunistas, a exemplo de Piracicaba.

— "Artista é assim, a família não leva fé".

Ele já teve um grande sonho na vida: ser torneiro mecânico. Mas agora já escolheu o seu futuro, e só vai esperar a sua hora e vez:

— "Eu sou um artista. Ser um artista me coloco dentro da realidade. Antes eu não me conhecia. Agora sei quem sou e vejo melhor as coisas".

Há lugar nesse mundo para o Homem da Cabeça Branca?

— "É duro, vem gente

que o meu recado", diz Washington.

— "Mas não lhe fal-

ta paciência para esperar uma outra oportunidade

para mostrar seus trabalhos:

— "Não acho que foi

injustiça me cortarem

do SARP. Afinal eles tem

outro conceito de arte:

—